

1 ESCUDO

Reportagem

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

30 de Maio de 1931

Numero 4

g
r
a
n
d
e
r
e
p
o
r
t
a
g
e
m
l
e
i
a
m



Um criador

de

Serpentes em

listão

CAMBISTA TESTA

TEM Á VENDA A GRANDE LOTARIA
DE SANTO ANTONIO. BILHETES
E FRACÇÕES AO PREÇO DA
SANTA CASA DA MISERICORDIA

74, RUA DO ARSENAL, 78

A FAVORITA, L.^{DA}

FABRICA A VAPOR
DE SABONETES
E PERFUMES

FABRICA
RUA FRANCISCO METRASS, C. M. L.
LISBOA

DEPÓSITO GERAL
RUA ARCO BANDEIRA, 160, 1.º (Frente)
LISBOA

Sabonetes, Loções, Agua de Co-
lonia, Pó de arroz, Elixir, Cremes,
Saes, Pinturas para cabelos, Pe-
troleos, Brillantinas, Pastas den-
tíficas, Esmalte para as unhas,
«Rouge», Extractos, etc., etc.
Secção especial: P. G. f. E.

ANUÁRIO

artes gráficas

P. Restauradores 24 / Tel. 2 7074 / Lx.ª

LOTARIA DE SANTO ANTONIO

3.000.000\$00

Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda bilhetes a 800\$00, décimos a 80\$00, vigésimos a 40\$00 e quadragésimos a 20\$00

EXTRACÇÃO A 13 DE JUNHO

REPORTER X E NOVELA POLICIAL

Nos nossos escritórios,

Rossio, 3, 3.º

compramos os n.ºs **1 e 6**
DO REPORTER X
e o n.º **1**
DA NOVELA POLICIAL

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

Proprietário, Director e Editor

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE: 2 5442 — LISBOA
End. Telegr.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO
R. DA FÁBRICA, 11, 2.º — TELEFONE: 4353

COMPOSIÇÃO: Empresa do Anuário Comercial,
Praça dos Restauradores, 24, LISBOA

IMPRESSÃO: Bertrand (Irmãos), L.ª, Travessa Con-
dessa do Rio, 27, LISBOA

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50
6 " " " 25 " — Esc. 22\$50
12 " " " 52 " — Esc. 44\$50

Para as colónias e estrangeiro acrescentem os respectivos portes

Pagamento adiantado

A moda das cabeças à *Garçonne*, à *Ninon*, à *Dear John* enriqueceu uma indústria: a do cabeleireiro para senhoras. Rara é a dama moderna que se não utiliza dos seus serviços — e longe de mim a crueldade de alertar a paz dos lares caluniando a seriedade dessas casas. Contudo, algumas existem — poucas — que, sendo provavelmente tão severas em honestidade e em clientela como as outras, aparentam o contrário. Li o seguinte anúncio — que não é inédito: «Acaba de chegar a Portugal, contratado pela casa F..., o celebre cabeleireiro parisiense Mr. Z..., conhecido pelo «Rodolfo Valentino», tão grande é a sua semelhança com o saudoso galã do Cinema». E' a segunda vez que comento o mesmo facto. Que tem que ver a arte... de pentear senhoras com a beleza cinematográfica dos artistas? Equivale ao sr. Jeronimo Martins ou o sr. Gracinda anunciarem, juntamente com uma semana de «arroz italiano» ou com a liquidação dos seus retalhos, a chegada de um novo caixeiro «que se assemelha ao sr. Sales Ribeiro ou ao sr. Alves da Cunha».

QUE muitas vezes o comércio ou indústria chamado para «senhoras» oculta objectivos muito diversos, sabe-se! Em Londres, há dois anos, a policia de costumes fechou nada menos do que 18 casas de «massagistas para damas» — surpreendendo nos bastidores de algumas verdadeiras bacanais. Em Paris, estoiro há anos um grande escândalo devido ao drama que ensanguentou as salas secretas de um dos mais famosos «modistos» da Rue de la Paix, descobrindo-se então que algumas das clientes desses «modistos», muitas vezes acompanhadas pelos maridos e irmãos, que as deixavam confiantemente fechar-se nos gabinetes de prova, apenas pretendiam encontrar-se com terceiras personagens que, de acordo com o dono da casa, as aguardavam, occultos nesses gabinetes, mecanizados de portas falsas.

HOMENS & FACTOS DO DIA

Recobi há tempos uma carta denunciando-me a existencia de algo semelhante numa das principais cidades do país, e não acreditei. Mais tarde, estando nessa terra e graças a um engano de ligação telefónica, surpreendi a conversa entre uma dama mui conhecida e respeitada e um cavalheiro não menos considerado, pela qual tive a prova de que o meu correspondente não mentia...

A crise do teatro reduziu à miseria não só centenas de artistas de pequena categoria como até os «azes» do cartaz. A falta de pão pode lançar o desengano nas almas — mas torna muitas vezes os desventurados em sonhadores utópicos, sobretudo quando são... artistas. No meio dessa miseria, brilha, como uma esperança milagrosa, o exemplo dalguns colegas contratados por firmas cinematográficas estrangeiras que, em poucos dias de trabalho, ganham para se defenderem da miseria durante uns meses. Em redor dos cadáveres surgem sempre as aves de rapina. E tanto assim que surgiu em Lisboa um cavalheiro que, dizendo-se plenipotenciario de varios *metteurs-en-scène* de Berlim, Londres e Paris, faz constar aos artistas que pode conseguir-lhes contratos fabulosos... a troco de uns lucros que variam entre 500 a 1 500 escudos. Os sacrificios que alguns têm feito, empenhando a camisa, endividando-se, tentando-se quasi a... meios ilicitos, para obter essa quantia, chave diamantina que lhes deve abrir o paraíso!... Que miseravel, esse que explora com a propria fome e que não sofre sequer com a ideia de arrastar as suas vítimas a uma *escroquerie* — na ansia de alcançar o contrato que hipocritamente lhes oferece!...

É pasmoso o que actualmente se publica de livros nos países onde existe, de facto, uma vida intelectual — galvanizada não só pelos que escrevem mas sobretudo pelos que lêem, porque, sem estes, aquêles não podiam quasi existir. O que sobretudo intensificou a industria do livro foi o alargamento

das fronteiras. A própria Inglaterra, que se limita mais do que outro país qualquer ao seu *genero* e aos seus escritores, editou nos ultimos seis meses 20 por cento de obras estrangeiras. A Espanha lança, em média diária, cinco volumes de categoria — sendo a percentagem de autores estrangeiros de 60 por cento. Numa entrevista, Machin, presidente da A. dos E., declara que em França se vendem, diariamente, 100.000 volumes de obras de autores categorizados (35 por cento estrangeiros) e 150.000 de autores populares (49 por cento estrangeiros). Ora se a França possui um público que lê desta maneira — nada mais necessita para definir a sua elevação mental. E nós? Publicamos 80 a 100 volumes por ano, com tiragens de 800 a 3.000 exemplares (4.000, só alguns autores) e continuamos a ignorar o que se pensa e o que se escreve por esse mundo de Cristo...

NA nossa vida de jornalistas, intensa, cheia de emoções e de imprevistos, temos deparado com os mais inverosímiles e fantásticos casos, que desdenhariamos de acreditar se dêles não tivéssemos sido testemunhas ou protagonistas, tão irreais se nos afigurariam... Por isso, já nada hoje nos pode surpreender ou deslumbrar... Por isso nos achamos corajados contra qualquer surpresa que se nos antolhe, blindados contra qualquer acometida que se nos faça.

E porque assim é, foi e será, resultarão inuteis todas as deslealdades, todas as insidias, todas as emboscadas que nos prepararem, fortes como nos achamos no invencível castelo da nossa consciencia, que nos incita a prosseguir, sem desfalecimentos, na cruzada que empreendemos contra os infieis do Bem, da Moralidade e da Honra.

E pela cota de malha da nossa alma resvalarão os golpes dos nossos inimigos...

Visado pela Comissão de Censura

CURA OU MORTE?

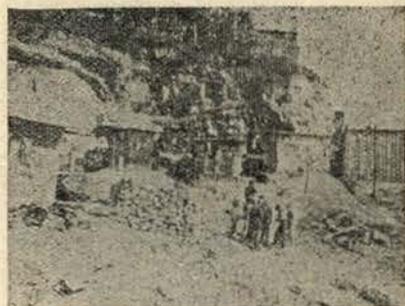


Estreia de «films» cujo marido está conalescente de um desastre de automóvel.
— Diga-me, dr.. Ele já estará em condições de se lhe dizer que casei duas vezes depois do desastre?

O criador de serpentes

(Nos Sete Moinhos
e Cascalheira)

SETE Moinhos, lugar maldito onde se refugia o enxurro dos miseráveis, dos desgraçados que são retalhos da Humanidade, farrapos do negro fatalismo, é o último bairro excêntrico que visito, é a última reportagem da série *Entre os «ruffas» de Lisboa* que escrevo...



Um aspecto da Cascalheira

No meu primeiro contacto com a sua vida, com os seus habitantes curvados humildemente ao peso dum destino cruento, logo adivinho o sítio cinturado de dramas, hipertrofiado de tragédias e canalhices...

De dia, o aspecto geral do local nada tem de tenebroso. Há uma rua larga, bandada de prédios baixos, para a qual se entra pelo Arco do Carvalho. Ao lado direito, a Serra de Monsanto, com o seu dorso picado de furnas misteriosas — valhacoitos dos acusados pela Lei, dos párias que não têm casa e ali se escondem dos olhares vigilantes da policia... Por uma das travessas, à direita, vai-se ter à Cascalheira — reduto soturno e perigoso dos desordeiros profissionais, que se anavalham sangrentamente em vendas de ódios de morte...

Mas de noite o ambiente enscenariza-se de coisas sórdidas e as personagens parecem, por vezes, arrancadas ao vizinho album de tipos frustes que é o Forte de Monsanto... As tabernas do sítio, numerosas e repelentes, regorgitam. Vozes altas, avinhadas, altercam apaixonadamente, fervendo palavras agressivas — não sendo raro as disputas acabarem cá fóra, na rua, finalizadas pelo supremo argumento da ponta da navalha... Outras vezes, o duelo, estranho e primitivo, tem por palco qualquer recanto escuro da serra, para onde os contendores se desafiam rancorosamente — só terminando quando um deles tem o corpo cosido a navalhadas, esvaindo-se em sangue no chão. Então, é certo, o vencedor agarra-o, carrega com ele, levando-o a um posto do socorros, geralmente o da Cruz Vermelha, no Calvario, que acusa uma estatística diária duma dezena de tratamentos nestas condições, isto é, de indivíduos que ali vão pensar-se, sem que os

Entre os «ruffas» de Lisboa

acompanhe, como é hábito, qualquer «cívico»...

Um negócio de escravatura

Foi na desordeira Cascalheira que eu fui encontrar um negócio singular e repugnante, um negócio típico de autêntica escravatura humana, nêstes tempos de adiada civilização...

Reparo numa barraca de madeira, de grandes dimensões e uma única porta. É a «Ilha dos Galegos» — dizem-me —, uma casa de maltezia, onde vive em vil promiscuidade a maioria dos «deita-gatos» que calcurriam por essa Lisboa fóra...

E quereis saber, senhores, o que apurei da triste existência dêsses réprobos da sorte?... Pois olhai êste flagrante quadro de miséria e de torpeza e dizêi-me, depois, se há lá nada mais impressionante... Foi mesmo um dêsses «deita-gatos» que me contou a sua odisseia, a triste odisseia da sua curta vida... É galego, de Pontevedra, e chama-se Ramon... Nos olhos tem a humildade melancólica do cão que é espancado pelo dono. Tinha 11 anos quando veio para Lisboa, «exportado» para o seu actual patrão, que, desde aí, se arrogou o direito de vida e de morte sobre ele... Êsse patrão é um homem crudelíssimo, infame e ganancioso, que possui uma espelunca de má morte lá para as bandas de Alcantara... É nessa tabernaria que o pobre Ramon e os seus companheiros vão comer as frugais refeições que êle lhes fornece em troca de todos os proventos que auferem do seu trabalho insano.

E, coitados, são forçados a trabalhar muito, a trabalhar sempre, vente ou chova, na mira de saldarem a dívida fictícia, enorme, que o patrão prova existir... Acorrenta-os assim, para toda a vida, a um destino impossível, que os desgraçados sofrem

submissamente. Se porém a eles assomam, uns restos de dignidade, qualquer fumaça de revolta, ei-lo aí, que recorre a terríveis violências para os castigar, ameaçando-os, ainda por cima, de os entregar à justiça como... ladrões... Êsse taberneiro, monstro empedernido que a nada se move, enriqueceu dessa forma, sendo hoje um dos maiores proprietários de Orense. Um dos «deita-gatos», rapazinho ainda, de compleição fraca, não resistiu aos maus tratos, às chicotadas que sobre o famélico dorso nũ lhe aplicou, ferozmente, o cruel patrão. Morreu em resultado das canibalescas agressões, e o patife, sem se comover, ordenou que os outros, de noite, o fôsem enterrar em determinado sítio da serra proxima — para assim fugir à acção da justiça... E consoguiu-o, o facinora!...

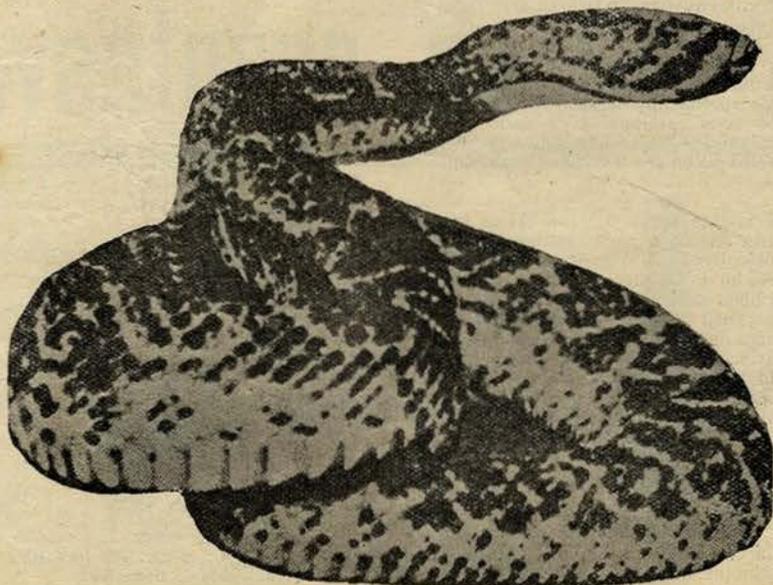
— Nas minhas condições — disse-me ainda, a finalizar, o mesmo informador, por outras palavras — tenho eu mais dez companheiros... Alguns estão tuberculosos... Mas, como não temos familia ou protectores, curvamo-nos ao nosso fatalismo...

E afastou-se com a sua caixa de «deita-gatos», deixando-me a scismar nas lutas fraticidas pela perfectibilidade social, nos doirados anseios de meia duzia de visionários que pretendem endireitar o mundo, por intermédio das suas simpáticas doutrinas...

Uma escola de carteiristas

O «Velho Alcantara» é uma figura exótica e pitoresca que vagabundeia pelo sítio, de sacola a tiracolo, coberto de farrapos, estendendo a mão à caridade e embebedando-se pelas tascas... O seu passado está sufocado de mistérios, de coisas indesvendáveis, afirmando-me alguém que diz conhecê-lo que

(Conclui na página 14)



Uma viagem debaixo do gêlo

Os grandes sonhos que se realizam — O sonhador científico — Os velhos do Restelo — As viagens maravilhosas — Ao Polo Norte em submarino — Um jornalista feliz

DURANTE o século XIX, a Humanidade sonhou as mais belas, as mais audazes maravilhas práticas da Ciência. A descoberta da máquina a vapor e da electricidade, as tímidas experiências feitas que logo deram resultados inesperados que, muitas vezes, foram além de todas as expectativas encheram-lhe a alma de esperanças. Presentia-se vagamente que, no futuro — um futuro indeciso, um pouco envolto em bruma — a vida, mercê das descobertas incessantes da Ciência, viria a rodear-se de tão fôfas comodidades que o homem nem para comer teria necessidade de mover os maxilares. Os netos — pensavam os nossos avós — não necessitariam de cultivar a terra nem de esforço sobreumano para se alimentarem. A Ciência — que passava a ser o novo dogma, o novo ídolo — faria engordar os homens com a simples absorção de pequenas pastilhas que conteriam, concentrado no centímetro cubico do seu volume gracioso, todo o poder alimenticio de pantagruelicos banquetes. As grandes distancias resumir-se-iam a poucos metros rapidamente transponíveis; a Lua passaria a ser, com propriedade, o local escolhido pelos noivos para gozarem a sua lua de mel; o fundo do mar, onde muita gente julgava que faziam seu ninho as lendárias sereias, devassar-se-ia a todas as curiosidades; a luz artificial, que uma criança poderia aconder com o ligeiro movimento de premir um botão, alcançaria um brilho tão intenso como o dos raios solares; o sonho inverosimil de, pelos ares, transpôr oceanos e continentes, transformar-se-ia numa banalidade. Enfim, não haveria capricho, desejo exagerado que a Ciência, com a sua varinha mágica, não pusesse logo em execução.

E a dar corpo, realidade quasi palpavel, verosimilhança ao inverosimil surgiu um homem, mais sonhador do que os seus companheiros, mas mais empolgante, mais audacioso e ao mesmo tempo mais hábil, porque, colocando a sua imaginação admiravel no campo das hipoteses provaveis, acabou por concentrar em si, como um simbolo, as aspirações da humanidade do seu tempo. Esse homem foi Julio Verne. Tem ele detractores, foi alvo dos sorrisos incredulos dos homens de Ciência, dos homens praticos que não se deixam embalar em cantos de sereia por mais harmoniosos que eles sejam. . . Esses scepticos, esses velhos do Restelo acusavam-no de disparatado e não ligavam mais importancia ás suas previsões do que ao ingénio papaguear de uma criança.

Enquanto Julio Verde enchia volumes sobre volumes com a descrição minuciosa de extraordinárias viagens ao centro da Terra,

ao fundo do Mar e aos pincaros da Lua; enquanto personagens fantasticas num tímido balão — que era para os desconfidados da fatura uma invenção irrealizavel — voavam durante sete semanas, percorrendo distancias que hoje se transpõem em sete dias; enquanto a sua imaginação concebida a volta ao mundo em oitenta dias, tempo assombroso então e já batido hoje, os homens de bom senso sorriam da credulidade do povo que chegava a confundir aquelas invenciones literarias com a propria verdade.

Mas não tardou que no século XX — o nosso século — a maioria dessas fantasias, dessas ideias puramente literarias, dessas aspira-



O único jornalista que irá a bordo do *Nautilus*

ções imprecisas, desses devaneios sem aspecto pratico encontrasse realização plena.

Grande numero das previsões de Verne foram até ultrapassadas em perfeição e audacia. Como o balão que o escritor concebeu é insignificante, rudimentar, comparado com os dirigíveis do nosso tempo! Como os transatlanticos que ele imaginou de espantosas velocidades se movem lentos em relação aos grandes barcos que fazem a travessia dos oceanos! Pouco a pouco, tem a Humanidade realizado ou ultrapassado todas as concepções do grande escritor.

O *Nautilus*, o maravilhoso submersivel que êle descreveu com tanta minucia fantastica e que percorreu aquelas deslumbrantes *Vinte mil léguas submarinas*, ressuscitou agora para a realidade. Desprende-se das

paginas acanhadas de um livro de lindas illusões para navegar em direcção ao Polo Norte — outra maravilha que Julio Verne descreveu magistralmente.

Um arrojado australiano, o capitão Wilkins, partirá dentro de breves dias para essa viagem estupenda. Sairá da America, tocará nos Açores e depois começará a sua ascensão para a região dos gelos. O seu submarino, que é construido sob o mais moderno e aperfeiçoado plano, poderá estar submergido tempos infinitos. Wilkins, confiante na sua sciência, afirma que esta viagem nada terá de extraordinário nem de perigoso. Tanto assim que levará consigo a sua esposa. O *Nautilus* caminhará sob camadas de gelo de seis metros de espessura, virá à superficie pelo menos uma vez por dia a fim de realizar estudos e assim, como um cetáceo monstro, conta atingir o Polo Norte.

Entre a tripulação seguirá um jornalista. Que grande, que bela reportagem esse homem poderá realizar! Como todos os jornalistas do mundo — aqueles que são verdadeiros jornalistas e, portanto, amam o perigo e a ventura — o devem invejar em segredo!

Como nós invejamos esse homem que vai viver emocionadamente uma das mais extraordinárias novelas de Julio Verne!

QUEREIS DINHEIRO?

JOGAI NO

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

COISAS QUE TODOS

DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO
vende os afamados
Tapetes de Beiriz, faianças
artísticas e mobiliário
género antigo

RUA IVENS, 30 a 34
TELEFONE: 2 6064

A reportagem que a seguir publicamos é de um principiante, um rapaz novo que chega agora à vida jornalística com a alma cheia de anseios de beleza e o cérebro povoado de projectos maravilhosos, como nós também chegámos há anos, quando tu, leitor, nos desconhecias e duvidavas talvez da nossa inteligência. Se a sua reportagem não fosse, como é, cheia de qualidades, plena de interesse e traçada sob um critério moderno invulgar, não deixaríamos por isso de sentir pelo estrear a mesma ternura. Comovemo-nos sempre os sonhadores que pretendem lançar-se numa senda erigida de espinhos, semeada de perigos e que, talvez por isso mesmo, nos atraí como um abismo.

Nesta reportagem, o sr. Manuel de Matos revela-se um curioso temperamento de jornalista. Terá ele coragem para lutar e vencer? Isso é mais com ele do que conosco, que apenas cumprimos o dever de acolher com entusiasmo quem parece, pelo seu primeiro trabalho, merecê-lo plenamente.

FORCE o leitor a sua memória que decerto se recordará do mais alarmante boato que há anos percorreu o nosso país, de Norte a Sul, como a labareda voraz de um incêndio sobre um monte de palha: «a extracção de óleo humano para fins ocultos.» Tudo respirava mistério. As oficinas não se sabia onde eram; os «operários» diabólicos conservavam-se na bruma; os «caixeiros de praça» desse produto maquiavélico negociavam por sítios ignorados; o óleo não aparecia à venda — e, no entanto, a crença de que existia algo de anormal enraizava-se na alma ingénua do povo.

Para avolumar esse terror do perigo enigmático e desconhecido, surgia de quando em quando a realidade dolorosa de uma criança desaparecida. Os pais, aflitos, recorriam à policia, que nada descobria. Mal o Sol fugia do horizonte era por essa cidade um formidável enclausuramento de crianças, não fosse o Diabo tecê-las. O lisboeta, involuntário comparsa desta comédia ou drama (subia-se lá!), apertava a cabeça nas mãos, desvaivado, e encolhia-se num terror alucinante.

O drama, porém, subiu tantas vezes à scena que acabou por enjoar. E o público, farto do espectáculo, desinteressou-se. Hoje, decorridos muitos anos, acalmados os espíritos, de tudo isso apenas quedou uma dúvida. Haverá fabricantes de óleo humano? Eis o que nós vamos procurar saber.

A aparição de um tipo estranho

Cêrca das onze horas da noite, no último dia do Entrudo de 1929, entrámos no Café Nacional a fim de tomarmos o nosso habitual café. O estabelecimento estava repleto de uma multidão heterogenea de onde irradiava uma ansia bem patente de folia carnavalesca. O Nacional inaugurava nesse dia uns bailes carnavalescos que principiavam depois da meia noite, dando pretexto à reunião de algumas familias burguesas e honestas que, nessa quadra propicia, se permitiam algumas liberdades que não lhes ficavam mal.

Aquela multidão, invadindo todos os recantos, não deixando sequer uma mesa vaga, transtornava nessa noite os nossos habitos, impedindo-nos a absorção do delicioso excitante e o cavaco sereno com qualquer companheiro de ocasião. Relanceámos a vista na esperança de encontrar alguém conhecido que nos salvasse daquele apêto. Iamos a sair desanimados quando algum pronunciou o nosso nome. Era B. R., um velho amigo e jornalista conhecido que, ensandwichado entre mesas, nos chamava de um recanto quasi inacessível. Alcançámo-lo a custo e abancámos satisfeitos. Não teriam talvez decorrido dez minutos de cavaco que o nosso amigo não fosse alarmado pela entrada de um individuo estranho e original.

O fabricante de óleo humano

Onde é a fábrica? — As crianças desaparecidas — Confidências de um amigo — O hipnotizador irresistível — Por uma noite de Carnaval — Falta uma criança — O óleo humano

Num gesto significativo tocou-nos no braço, murmurando em surdina:

— Repara naquele tipo que entrou agora... Alcinhei o de «vampiro internacional».

— Brincadeira de Entrudo?... — inquirimos nós, um pouco intrigados.

— Garanto-te que não. Aquelle homem tem uma historia misteriosa, que eu conheço em parte devido a dois casos estranhos, enigmáticos, em que involuntariamente colaborei.

O desconhecido parára a meio da sala, não muito longe de nós, procurando, provavelmente —

mente, algum lugar vago. Tivemos ocasião de examiná-lo com atenção. Um rosto magro de epiderme amarela, como a de um chinês, emoldurava uns olhos negros, raiados de vermelho, que umas pestanas longas velavam para lhes suavisar o brilho; uns beiços entreabertos húmidos de baba, num tregeito esquisito, sinistro. Estariam aqueles lábios acostumados a... E uma ideia terrificante perpassou-nos pela mente.

Entretanto, o tal individuo chamou o creado com duas palmadas sêcas. Pediu para lhe marcarem um lugar para o baile, procurando minuciosamente no carnet que o creado lhe apresentava, e retirou-se em seguida, discreto, deslizando como uma sombra... De um salto alcançámos o creado.

— Preciso duma mesa para logo! — disse-mos-lhe nervosamente.



Era um baile animado e chic do Carnaval de 1929

A GRANDE RÉCITA NO TRINDADE

Realiza-se depois de amanhã dedicada aos «clubs» desportivos e de homenagem a Fernanda de Sousa e Alves da Costa

Os «clubs» vão disputar a «Taça Reporter X»

É já no próximo dia 1 de Junho que se realiza no Teatro da Trindade a grande recita de homenagem ao talentoso actor Alves da Costa e sua gentilissima esposa, D. Fernanda de Sousa.

dos «clubs» favoritos. Quem vencerá? Quem levará a taça *Reporter X*? O Sporting? O Benfica? O Belenenses? A voz dos espectadores será soberana.

Representar-se-á nessa noite, excepcionalmente, a peça intensamente dramática *O autoritário*, uma das corças de gloria do grande actor Alves da Cunha, que desempenhará o papel do protagonista. D. Berta Bivar teve a gentileza de, para essa noite, ceder a D. Fernanda de Sousa o seu papel. Completarão o elenco desta peça os apreciados artistas D. Maria Pinto, António de Sousa e Lino Ribeiro.

Haverá também um acto de variedades desempenhado por ilustres artistas de diversos teatros de Lisboa, acto este que reservará ao público as mais gratas surpresas.



D. Fernanda de Sousa

Não se trata, conforme anunciámos no nosso número transacto, de uma recita vulgar. Basta ser patrocinada pelo *Reporter X* para que o público depreenda facilmente que no programma algo de interessante haverá. Como dissemos, esta recita de homenagem aos dois ilustres artistas, tão queridos do nosso público pela sua gentileza, talento e mocidade, é dedicada aos «clubs» desportivos da capital.

O *Reporter X* mandou fazer uma lindissima taça que em um dos intervalos será sorteada pelos «clubs» de desportos. O público irá, com o seu voto, decidir a quem a bellissima taça será entregue. Como existem apaixonados por todos os «clubs», iremos na noite de segunda-feira assistir a uma luta renhida dos espectadores pelo «club» da sua maior simpatia. Pela primeira vez em desporto será o público quem decidirá da victoria



Alves da Costa

Como tem sido grande a procura de bilhetes durante a semana, convem que todas as pessoas que desejem assistir a este espectáculo único, excepcional, marquem os seus lugares quanto antes.

- Quere ver a planta?
- Se sabe de cor não é preciso: que numero tem a daquele individuo que saiu?
- Quinze.
- Necessito da catorze ou dezasseis.
- O creado, depois de inspecionar aquele minuscuro jogo de damas cheio de cruzinhas, respondeu:
- Impossivel, porque já estão marcadas.
- A quem? — inquirimos.
- A duas familias!
- Sabe se essas familias têm crianças?
- Ignoro!
- Está bem, obrigado.

Um ciclone devastador

— Esta misteriosa personagem — diziamos B. R. pouco depois — a-pesar-de ser um criminoso, não o duvido, obriga-nos a um papel de vítimas dum pesadêlo alucinante.

— Algum ilusionista! — desabafámos.

— Não sei. Estava hospedado no Hotel de Inglaterra com o nome de André Juan e declarou-se mexicano na altura em que o encontrei. Tinha vindo de Barcelona a gozar as primicias do sol lisboeta — declarou no hotel. Ora é exactamente na contradição destas palavras que se arreigam ainda mais as minhas suspeitas. Não dorme de noite. De dia fecha-se no seu quarto, só saindo para as refeições. De noite circula livremente, parecendo que vive das trevas como o peixe da agua.

«A primeira vez que o vi — e onde actuei duma forma tragica — foi na Avenida da Liberdade: seriam talvez duas horas da madrugada quando, subindo aquela artéria, fui surpreendido com o irritante grito duma pistola, que me galvanizou os nervos No passeio fronteiro — por alturas do Parque Mayer — vi uma scena grandguignolesca e imprevisita: um homem deschapelado, perseguindo outro, de pistola em punho. Como pedisse socorro, prestei-lho. Corri como um gamo e, dum salto brusco, agarrei o perseguido. Só queria que o visses: tremendo como um canavial açutado pelo vento, as orbitas esgaseadas, um rictus horrivel nos labios — deu-me a impressão dum monstro fantastico. Os seus olhos de porcelana fixaram-se nos meus. Relampejavam a-pesar-da meia escuridão que nos envolvia. Um poder occulto obrigou-me a não desviar a vista da dele; um torpor languido e inexplicavel foi-me vencendo a pouco e pouco e, por fim, fiquei paralisado. O malandrim hipnotizara-nos para se escapar. Quando voltei a mim o outro ainda dormia. Pouco depois contou-me, numa voz titubeante pela comoção sofrida, o que se passara: vinham dum teatro — ele, a mulher, a creada e uma filha, uma interessante pequenita de três anos. Aproveitando o descuido dos pais, na altura em que a criança se desviara um pouco, o «vampiro» agarrou-a e por certo tê-la-ia levado se o pai não se apercebesse a tempo... O resto já sabes.»

Acendeu um cigarro e continuou:

— Dias depois, mergulhado na lufa-lufa excitante do trabalho e quasi esquecido do que te acabei de narrar, numa bela madrugada ao chegar à Rua do Patrocínio, sinto ranger uma fechadura. No silencio nocturno, aquele ruido tinha-se avolumado e tomado proporções invulgares. Apurei o ouvido para saber donde parlava aquele ruido insólito. Voltei a esquina e estaquei surpreso. Que vejo? O «vampiro» tentando abrir o portão principal do Asilo de Santa Isabel — colégio de meninas. Cheirava-lhe a crianças... Quis aborlar uma criança e puxei dum revolver para impor respeito e amedrontá-lo. O malandro nem recalcitou. Diante o interrogatório enérgico que lhe fiz, começou a lamentar-se num péssimo português, e a carpir como uma criança. Que não fazia aquilo por mal; pertencia a uma policia especial e andava em serviço profissional. Embora desconhe-

(Conclui na pagina 15)

O primeiro dia de liberdade de um penitenciário

O pátio central da enorme estrela de onde irradiam os corredores e as pontes de ferro recorda o corpo duma aranha gigantesca que tivesse feito uma teia negra, metálica, imensa, naquele imenso óco... E eu, ao entrar nesse pátio, fechado à volta por gradeamentos, pareço o repasto humano dessa aranha, prisioneiro das suas estranhas diáfanos, espelando o vai-vem de penitenciários e de guardas ao longo dos seus braços hirtos...

... Seis da manhã... Badalam sinos... Trilos de apitos... Os guardas abrem as celas como se abrissem jaulas de fêras. Mas as fêras, cabeças ossudas e pendidas, faces chupadas, olhos fundos, febris, bestializados, costas abauladas, braços mortos, igualadas pelo uniforme, são para os corredores, para as pontes, não assustam, não rugem, não mostram a dentuça nem as garras. Pelo contrário: humildes, vencidos, cadáveres galvanizados pela disciplina severa, enfileiram-se em longas bichas, rebanhos de homens que arrastam os pés. Saíram das pequenas jaulas que são as celas — mas jaula é tudo, quanto os cerca: nos corredores,

nas oficinas, nas escadas, para qualquer lado que os seus olhos se dirijam só encontram grades, ferros cruzados e hostis... O trabalho é o único balsamo daquelas dores silenciosas — para aqueles que trabalham... Fôra do trabalho mourejado entre grades e em silêncio — a cela estreita e triste como um ataúde onde lhe fornecem a comida e onde as suas almas sofrem o horrível pesadelo do remorso ou das ansias de liberdade no inferno negro das trevas...

Ontem igual a hoje, igual a amanhã... O

tempo roda — os minutos, as horas, os dias, os meses, os anos, e a vida igual, sem uma variante, sem um alívio, sempre na solidão mesmo quando em grupo, sempre em silêncio, sem o desabafo duma conversa, sem a esmola duma palavra de piedade, sem um raio de sol, sem um horizonte...

O tempo, para esses desgraçados, ou não existe e desbobina-se como uma fita branca sobre um fundo branco, ou é uma lenta esperança que avança no *ralenti* e que, como os prazeres nos sonhos, não chega nunca.

E quantos seres humanos não vivem nesses tumulos que são as penitenciárias — os *Sing-Sing*, os *Carceles-Modelos*, as *Santé*? Foi há muitos anos, logo no início da carreira, que eu visitei, pela primeira vez, a Penitenciária de Lisboa... Permaneci lá dentro, enterrado em grades, durante uma hora apenas! Ah! Que doce e voluptuosa recordação a da saída, quando o portão se abriu e eu contemplei o casario a reverberar ao sol, respirando, a plenos pulmões, o ar da liberdade... E estive apenas uma hora lá dentro!

Que sensação não será a daquele que permaneceu lá dentro, enjaulado como uma fera, quinze anos, e que um dia lhe abrem a porta e ele regressa à vida, à liberdade?!

Pois bem... Eis a reportagem do primeiro dia de liberdade de um homem que cumpriu muitos anos de penitenciaría!

Quem é o nosso «modelo»

ESTA reportagem não é de ontem. O mesmo melindre e respeito que me levam a ocultar a verdadeira personalidade do novo cidadão que me serviu de modelo (cumprida a pena recuperou todos os direitos cívicos) obrigam-me a não datar o acontecimento, para que não hajam pontos de referência que possam ferir sensibilidades alheias... E este modelo simboliza mais do que outro qualquer o que é «o primeiro dia de liberdade de um penitenciário» porque a fatalidade, essa imperatriz despótica dos cárceres e degredos, foi particularmente cruel para com ele... Sendo o limite de clausura penitenciária *dez anos* — isto sofreu *quinze*. A sua asfixia é quasi inédita. Porquê? Porque mal cumprida ainda a primeira pena — onde se remiu de uma falta que a lei deve condenar mas que as consciências generosas podem absolver — um novo engenho do Destino lhe alongou a agonia por *quinze anos*...

Quinze anos de penitenciaría em quinze linhas

Ele entrara naquele casarão amarelo numa tarde quente e luminosa de Maio — uma dessas tardes lisboetas em que a cidade é aureolada por um clarão de ouro e em que as ruas, as avenidas, as casas formam um xadrez de todas as cores... Ao apaar-se ensandwichado pelos guardas e abraçado um embulho com o seu pequeno espólio de vivo que entra no túmulo, viu logo o portão da Penitenciaría abrir-se como uma bocarra pronta a tragá-lo... Teve, dum relance, toda a visão do *film* de



A rua! A liberdade!

O nosso «modelo» a saída da Penitenciaría. Um redactor do «Reporter X» observa-o sem que ele o suspeite

tormentos morais que ia padecer — a visão global dos 15 anos de morte que o aguardavam... E resistindo um pouco às pressas dos guardas lançou um olhar cheio de pena, de saudade, de dor ao postal ilustrado e colorido da cidade que fiseava a seus pés, sob o sol luminoso daquela tarde de Maio. A ideia de que esse olhar era o último fê-lo verter as lágrimas mais amargas que chorara até então... Entrou... Deixou-se conduzir, inconsciente, indiferente a tudo e a todos... Apenas os ecos exageradamente prolongados e quasi misteriosos dos menores ruídos e o hálito gelado dos corredores — fenómenos dogmáticos de todas as penitenciárias e de todos os hospitais, onde o som e o ar são diferentes aos de todos os outros edifícios — feriam a sua sensibilidade... Interrogaram-no, sujeitaram-no à ginnástica da antropometria, despiram-no, amortalharam-no com o uniforme em cuja blusa se distingue um número — três algarismos que lhe queimavam a carne como se tivessem sido marcados a ferro em brasa — e por fim uma nova porta se abriu, mais pequena do que a da entrada, mas mais afiliva, mais assustadora: a da cela...

Este transe de sonambulismo pouco durou. A própria dor da clausura se encarregou de o despertar — e veio então a revolta infalível de todos os penitenciários inexperientes, estranha e inquisitorial epilepsia, cujas convulsões têm que ser paradoxalmente estáticas, não passando das fronteiras do cérebro e do coração, prensadas pela rigidez da disciplina, que não permite nem sequer esboçá-las exteriormente... Após a revolta veio a falsa resignação, em que *ele* criou o hábito do sonho como bálsamo de todos os sofrimentos, aproveitando o silencio, a solidão, para sonhar, fantasiando prazeres, riquezas, viagens, triunfos, grandezas, detalhando-as, saboreando-as, numa espécie de onanismo espiritual. E' nesse período que os penitenciários de mais fraca consti-

enterrado naquele cemiterio de vivos... Fal-tavam quatro anos para dele emergir! Naquela noite não pôde dormir! E a partir de então os minutos, as horas, as semanas, os meses começaram a ter um valor precioso para a sua sensibilidade, a dividirem-se, a terem uma alma, um movimento, uma vida. O tempo deixara de ser um lago de águas estagnadas para se transformar num rio de águas correntes, ao sabor das quais a sua vida, o seu pensamento desliza, como uma jangada... Ele *possuia* os dias como se fossem amantes... Esperava-os com a impaciência de quem espera uma mulher amada. Os sabados eram como que dias de festa — porque marcavam uma semana a menos nas 52 semanas do ano. Os fins de mês eram anos novos — porque marcavam um mês a menos nos 12 meses do ano... E quando o ano se acercava da morte, no leito do calendário, é, ao fechar-se na cela, bailava, ria, gesticulava, monologava — como se a liberdade, em vez de ser um bem ainda distante, fosse já uma certeza do dia seguinte!

Veio o ultimo ano! Ah! Quantos anos viveu *ele* nesses 365 dias! Veio o ultimo mês, a *ultima semana!* Durante esses sete dias as grades, os companheiros, os corredores de ferro, a porta da cela, o catre, os guardas, o próprio ar que respirava, a própria penumbra que se filtrava através daquela pedra tumular ofereciam-lhe uma sensação de festa. Ele via grinaldas, bandeiras por toda a parte... Via até sol — sol! — dentro da Penitenciária...

Mas nisto veio a véspera! A véspera chegou! Foi esse o seu primeiro dia de liberdade — não porque se livenessse modificado os rigores da sua existência enclausurada — mas porque a alma do desgraçado adelantara-se ao corpo e já passeava livremente pela cidade!

Quando um mês após a sua liberdade *ele* lhe perguntei qual fora o dia de maior ventura da sua vida, respondeu-me: «A *véspera!* Recordo-a com maior volúpia que o próprio dia! A emoção que senti ao despertar na manhã da *véspera* e ao pensar que era a *véspera* da minha liberdade!... Cheguei a temer a morte — a morte por excesso de alegria. Não sei como o coração não se me estoiroiu!»

Abre-te Sesamo!

Entregaram-lhe o embrulho com a roupa que *ele* trouxera, debaixo do braço, ao entrar na Penitenciária — quinze anos antes. Numa precipitação gulosa, infantil, desempacotou-a, apalpou-a, beijou-a... E ao estender o seu fato de homem — as calças, o casaco, o colete —, de novo e pela segunda vez em tantos anos os olhos se lhe encheram de lágrimas. Envergonhou-o timidamente — mas o contacto daquela roupa acariçou-lhe a carne, com ternura, com sensualidade... Agitou-se, remirou-se a um pequeno espelho de algeibra que viera no embrulho, achou-se bem — já sem memória para recordar como eram os outros homens que vestiam assim, antes dele entrar naquela jaula imensa e tenebrosa... Depois esperou — já sem pressas... Sim — sem pressas. A certeza de um bem longa e impacientemente aguardado produz nos ultimos momentos essa paralisia da sensibilidade...

Vieram-no buscar... Deram-lhe palmadas nas costas... Apertou, furtivamente, a mão aos companheiros com quem se cruzou... e que ficavam, e que o olhavam com como-vida inveja. Na secretaria — ultimaram-se os ultimos rituais burocráticos...

— Está livre e seja um homem de bem!
Livre! Mas ainda não estava! Da secretaria ao portão — são uns metros. Ele bem alargou o passo; mas era inutil... Partidas de Mefistofeles! Os metros transformarem-se em leguas! Finalmente! O portão já se abre... Ele já antevê a cidade — a rebrilhar

ao Sol, a Avenida marginada de casario polido e doirado, as arvores a riscarem dois longos traços verdes... O ultimo adeus — o do porteiro! Mais um passo! A rua! A liberdade!

Um redactor do «Reporter X» que o aguarda cá fora vigia-lhe os menores movimentos. Cambaleia... Não sabe que direcção há-de tomar. Esquiva-se aos olhares de toda a gente — como um neófito tímido... Enterra e desenterra o chapéu... Estaca... O corpo ba-



Tentado pelo calçado que se exhibe numa mostra...

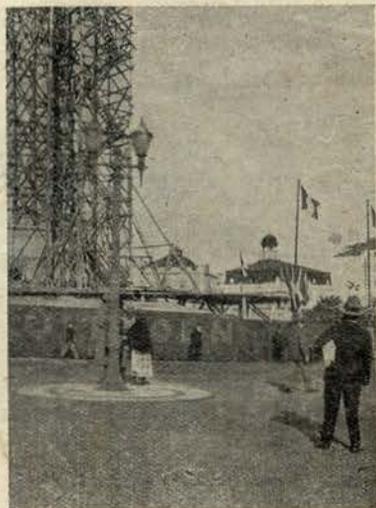
lançava-se... Vai para a direita, hesita, dá meia volta e dirige-se para a esquerda... Torna a parar, a acertar o chapéu, dilata as pupilas, escancara a boca: dir-se-ia que vai cair, fulminado por uma síncope. Não cai. Resiste... E' o ar, o ar da liberdade bruscamente respirado, que o aflice... que o asfixia! Súbito, olha para a Penitenciária; e, numa resolução enérgica, parte quasi em correria... Parece que teve medo de que o viessem buscar outra vez...

O primeiro apetite

O nosso redactor vai-lhe na peugada. Aquela velocidade depressa o cansa. Quinze anos de clausura desabitaram-lhe as pernas às grandes caminhadas. E contudo com que volúpia *ele* saboreia o prazer de caminhar... Os seus primeiros pasmos são os da metamorfose do Parque Eduardo VII. Os seus olhos giram nas órbitas como os de um garoto frente a uma mostra de confeitaria... Quere ver tudo, mas não pára... Parece temer faltar-lhe o tempo para ver o resto...

Desemboca na Rotunda... Os «electricos», os «autos» assustam-no, acovardam-no... Espera eternidades à beira do passeio antes de atravessar. Os seus olhos miram de longo, com incredulidade, a estatua de Pombal, que cresce, e muito, durante a sua ausencia da vida... Um sorriso ironico passou, rápido, pelos seus labios... Quinze anos não bastaram para lhe apagar da memoria as *blagues* que correm a respeito dêsse impossivel milagre... Logo que consegue chegar junto do tapume ladeia-o, curioso... Mas um «taxi» que passa demasiado próximo afugenta-o apavorado para um passeio da Avenida. Começa então a caminhar lentamente, com paragens regulares a todas as esquinas... Uma dessas paragens prolonga-se... Dá-nos a impressão de hesitar ante uma ousa-

(Conclui na pagina 12)



Os seus olhos miram com incredulidade o monumento a Pombal...

tuição costumam enlouquecer. *Ele* não enlouqueceu... Resistiu dilatando o *ecran* das suas utopias.

Um dia — recorda-o com alvoroço — pensou que a sua pena, apesar de todas as fatalidades quasi ineditas que a tinham prolongado, não era eterna, e podia esperar, sem fantasia, a hora suprema da liberdade... Foi quando, por um acaso, passou pela porta de um cubiculo dos guardas e olhou para um calendário... Havia onze anos que estava

As irmãs do bairro—Aquele rés-do-chão—O segredo de Mademoiselle Z...—A triste noiva—Um crime antigo—As manas-saguins—O mistério da R. D. Estefânia—A velha do arsénico—A varanda florida—A D. Arminda—O segredo das gotas de água.

O Bairro da Estefânia, vivendo cercado por uma ninhada de bairros igualmente burgueses, destaca-se dos seus vizinhos por varias distinções. Gomes Freire, a que a Estefânia volta discretamente as costas, padece um pouco da atmosfera do Conde Redondo; o bairro dos Açores é dum burguesismo inferior, a roçar pelo plebeísmo; Almirante Reis é da burguesia nova-rica algo pretenciosa; o Alto do Pina, bairro milagre, safdo de alçapões à americana, congestionado, ruidoso, movimentado, é duma burguesia completamente plebeia... A Estefânia, sendo a mais velha dos seus irmãos, é da burguesia discreta, mantendo-se sempre numa atitude nobre sem pedanteria, silenciosa sem ser neurasténica—conservadora no seu romantismo... Como todos os bairros burgueses, a Estefânia está semeada de namoros—de namoros que não se assemelham aos outros, namoros à antiga, que esperam com emoção que a janela se abra, namoros para casar e para continuarem a viver na Estefânia.

—E a proposito de namoros—diz-me o velho bairrista que me acompanha nesta *tournee* de reportagem—contar-lhe-ei uma historia que muito deu que falar cá no sitio e que começou ali, naquela janela do rés-do-chão...

O segredo de M.^l Z...

—O pai era guarda-livros, homem bondoso e honesto, com algum peculio, vivendo bem e habando-se de orgulho pelas filhas... Eram três, e quando lhe elogiavam a beleza delas, confessava, sorridente, que safam à mãe, que mais formosa tinha sido ainda... As duas mais novas não interessam. A mais velha chama-se... Z. Habitavam aquele rés-do-chão desde 1905 (as pequenas gatinhavam ainda) e a sua felicidade daquela gente só uma vez, em tantos anos, fôra perturbada. Recordo-me de que foi pouco depois da morte da minha mulher—e ela morreu em 1925. A família saía como de costume, a uma visita ou ao cinema, e regressou em «taxi». A pobre Z tinha sido atropelada por um carro. Pensada no hospital, onde não diagnosticaram feridas graves, recolhia ao lar, onde se manteve perto de cinco meses de leito... O que estranhou toda gente, vizinhos e amigos, é que, a par-

B A I R R O S

tir dessa época a, pobre Z mudara por completo. Já não fazia côro com as irmãs, não sabia rir, já não as acompanhava aos ingenuos bailaricos nem sequer ao cinema. Uma branca melancolia dera ao seu lindo rosto uma expressão eternamente estatica e, por contágio, a família entristercera toda, as irmãs não tanto como os pais, mas estes tão pouco aparentavam aquela luminosa ventura que se lhes lia, a todas as horas, no olhar e no sorriso. Z. não saía de casa. De tempos a tempos deixava de aparecer, à tardinha, na janela; e a mãe contactava às vizinhas que a pequena estava achacada...

«Uma noite apareceram, espécados, junto das duas janelas do rés-do-chão, dois galãs. Eram namoros das manas de Z...—namoros de bailarico ou de cinema. Casou uma, seis meses depois; e no fim do ano casou a outra. Por amarga coincidência, a ambos os casamentos Z. faltara—porque adoeecera nas vésperas. Começou-se a lamentar a pobre Z...

«Passaram-se anos—e Z não casava nem namorava. Não, saindo nunca de casa—era difícil aos pais arrumá-la! Mas... havia um vizinho—rapaz catita, simpático, dado aos *sports*, negociante em *autos*, perseguido pela raparigada ambiciosa do bairro—que preferira aquela burguezinha triste, linda e bondosa, a todas as princesas garridas e sedutoras. Ah! Não foi obra de vêr-te e amar-te! O rapaz levou dias e semanas e meses a rondar a casa, a mandar-lhe cartas e flores—para que ela consentisse no namoro. Mudaram-se então para o segundo andar—e ninguém na vizinhança compreendeu a vantagem dessa mudança. Todas as noites, durante dois anos—dois anos—o rapaz gargarejou com a pobre Z... Ele, logo ao fim do primeiro trimestre, quis casar. Ela adiou, adiou—até que... permitiu que ele a fôsse pedir. Mas nesse dia Z. não lhe apareceu. Os pais desculpavam-na: ela caíra de cama com *grippe* e o me-

dico proibira que se levantasse... Outra anomalia estranharão os vizinhos: é que nem depois de pedida o noivo subia a sua casa—continuando a berrar da rua para o segundo andar as suas confidencias amorosas... Veio o dia do casamento... Ela vinha linda—mas só então se descobriu o seu segredo... E' que a pobre Z, mal tratada no hospital... tivera de ser operada meses depois, perdendo a perna direita... Era côxa—a infeliz. E só poucas horas antes do casamento ela revelou o seu segredo ao noivo...

«Ah! Mas êle era uma bôa alma! Encolheu os ombros e beijou-a—o seu primeiro beijo. Vivem agora na Rua José Falcão. E Z, sabendo que o marido a ama para além de todos os aleijões, já não se importa de exhibir o seu defeito, saindo, passeando, acompanhando-o por toda a parte...

Capítulo tenebroso

«A Estefânia, apesar do seu burguezismo romântico, também possui recordações de tragédia—prosegue



No Jardim Constantino
Namoros brejeiros e folguêdos ingenuos de crianças

o meu *cicerone*.—Você era ainda um franganote... Foi em 1903—aquí neste prédio triste da Rua D. Estefânia... Lá está o número—o n.º X... Os

LISBOETAS

prédios tomam a expressão do que se passa na sua intimidade—como rostos de pedra ou azulejo... Era a senhoria uma velha solteirona que



O Largo D. Estefânia

habitava o último andar acompanhada por duas irmãs, duas velhas, duas solteironas como ela. Egoistas, avarentas, crueis até, não gozavam de simpatias. Chamavam-lhe as «Manas-saguins»—e a alcunha caía-lhes a matar. Filhas dum usurário muito conhecido dos boémios do século passado—um tal Andrade Borges que se celebrou sobretudo pelo ódio que tinha ao Araujo, o *inventor* da Avenida da Liberdade—, as três manas tinham herdado uma razoavel fortuna do papá, aumentando-a como podiam, na caça de outras heranças. Não tinham casado—temendo que o marido as roubasse ou lhes esbanjasse o peculio. O único parente era um primo afastado e pobre, que elas odiavam e temiam, pensando que êle lhes podia apressar a morte... Mas apesar da igualdade de caracteres davam-se mal; passavam a vida a rabujar e sempre por causa do dinheiro e dos testamentos. Não tinham creada: uma mulher a dias lhes bastava—e isso uma vez por semana: aos sábados. Foi uma manhã de sábado que essa mulher foi avisar a polícia. Batera várias vezes à porta e ninguém lhe respondera. Arrombada a porta encontraram os cadáveres das três velhas nos respectivos leitos, mas em tais atitudes que apesar de não se lhes notar uma se ferida, era fácil de admitir que a agonia fôra pavorosa.

O caso deu que falar... O crime da Rua de D. Estefânia! Os jornais não tratavam de outra coisa. As suspeitas caíram primero no tal primo—que provou a sua inocencia. Prenderam a mulher a dás—mas esta também não era culpada, Quem era o assassino? E o mais interessante é que

coisa alguma desaparecera de casa. A autopsia deu que as três manas tinham sido envenenadas com arsénico. Fez-se uma busca a casa e encontraram várias garrafas de *abafado* (que elas usavam e abusavam após os jantares), e numa dessas garrafas apareceram vestígios de toxico. Quem vendera o vinho? Fora um merceeiro da rua, um mês antes (elas forneciam-se por grosso...). Mas... o merceeiro morrera oito dias depois da venda—com uma congestão! O mistério ameaçava eternizar-se quando surge um droguista a fazer declarações. A mais velha das manas era sua freguesa, e durante os ultimos seis meses por várias ocasiões lhe comprara arsénico—por causa dos ratos. Somadas as várias quantidades, concluiu-se que o total chegava para causar a morte das três. Eis a explicação que o já falecido commissário Rodrigues de Sá deu ao caso. Almas tenebrosas, viviam no fanatismo obsecado do dinheiro. A mais velha, temendo que as irmãs viessem a desherdá-la ou que morressem depois dela e que não tivesse tempo de gozar o conjunto das três fortunas, decidiu-se a assassiná-las. Começou a amearhar pequenas doses de arsénico; e ao parecer-lhe suficiente, misturou-o com o vinho que elas deviam beber, bebendo ela, já se vê, de outra garrafa. Quis o destino que houvesse troca de garrafas e que a criminosa participasse do veneno—e assim as acompanhou naquela horrivel morte...

«Foi ali, em 1902, naquele predio da Rua de D. Estefânia, que se desenrolou esta tragédia tenebroso...»

As flores da D. Arminda

—O meu bairro, burguês e romântico, vive numa felicidade tranquila e por isso poucas emoções pode oferecer aos seus leitores—continuou o meu companheiro, ao entrarmos na Rua Pascoal de Melo.—Em todo o caso leve mais um episódio verídico para a sua reportagem. Vê aquela varanda corrida do terceiro andar, cheia de vasos e flores? Em baixo ainda existe a pensão onde eu me hospedei quando era estudante da Politécnica. No cimo—no andar da varanda—habitava uma senhora, sempre vestida de luto, muito sorridente e simpática. A patrão da pensão chamava-lhe a D. Arminda e dizia romanticamente que era viúva de um grande amor. Namoro contrariado; o noivo suicidara-se, e ela nunca mais deixara o fato preto.

Era orfã e recebia uma pensão do Montepio e—diz-se—praticava o espiritismo, para assim comunicar com a alma do homem que amara. Encontrava-a várias vezes na escada e saudava-a com simpatia e respeito. Eu tinha 15 anos então... Todas as noites, depois de jantar, dava uma volta; às 9 horas fechava-me no quarto para estudar; às dez horas em ponto—era infalível—uns passos leves no andar de cima; abria-se a janela e pouco depois ouvia gotejar água no meu parapeito. Era a minha vizinha, que fizera das suas plantas e flores um ritual, que vinha regá-las com carinho... Durante um ano inteiro—365 noites, sem a falha de uma só—ouvi aqueles passos e choro daquelas gotas de água. Uma noite, fui desinquietado por uns camaradas—pandega, orgia, noitada, e pela primeira vez faltei à minha hora habitual de estudo. Na manhã seguinte, à hora do almoço, vi um coche funerário à porta; e ao subir a escada choquei-me com uns «gatos-pingados» que conduziam um caixão. Quem morrera no prédio? A patrão informou-me: tinha sido a D. Arminda, a vizinha de cima—tão boa senhora, coitada. Uma síncope que a surpreendeu junto à mesa de pé de gallo...

Naquela noite, ao fechar-me no quarto para estudar, não houve forma de prender a minha atenção aos livros. Por mais que fizesse—o meu espírito fugia-me atrás da ideia daquela noite. Revi D. Arminda, a *viúva dum grande amor*... Recordei os seus passitos leves, a água das suas flores que escorria para o meu para-



Um namoro à antiga portuguesa

peito... E à medida que me aproximava das 10 horas—a hora infalível do ritual...—maior era o meu nervosismo, a minha inquietação, sem

O primeiro dia de liberdade de um penitenciário

(Continuação da página 9)

dia... Nota-se que o seu olhar se dirige com frequência ao mesmo alvo... Esse alvo é um quiosque... Decide-se por fim, atravessa a Avenida e abeira-se do quiosque — afogueado; uma velhota indaga o que quer...; ele gagueja tanto a resposta que a velhota não o entende. Só à terceira tentativa as palavras lhe saem certas: «Uma cerveja».

Adivinho-lhe a emoção... Depois do quinze anos de escravatura, é este o seu primeiro gesto de homem livre, é este o seu primeiro apetite satisfeito livremente pela sua vontade... Nectar dos Deuses que fosse, não lhe saberia melhor...

Os preços...

O mais notável na sua atitude, durante a caminhada pela cidade, é a sua timidez ante os seus semelhantes. O hábito de não ser homem, de viver em rebanho como um irracional em matadouro, criou-lhe uma falsa consciência de ente à parte, amedrontando-o a ideia de que o seu passado esteja estigmatizado no seu rosto. Evita chocar-se, roçar-se sequer, pelos transeuntes. Mas, ao mesmo tempo, a falta de costume torna-o cambaleante, tropeço e obriga-o a chocar-se, a roçar-se, a pisar com frequência — o que o ruboriza e o humilha.

Chegado ao Rossio estaciona perto de meia hora frente ao Nacional. O novo recorte da praça, o movimento da multidão e sobretudo a multiplicação dos «taxis» formam um admirável espectáculo para o seu espírito recém-liberto. Quando se fatiga, em vez de descer ao Terreiro do Paço, como se julgava,

saber porquê... Súbito olhei para o relógio. Dez horas... O meu coração contraiu-se e... Seria ilusão minha? Mas eu ouvia — ouvia distintamente — os passos leves da D. Arminda em direcção à janela; ouvia a janela abrir-se; ouvia... a água gotejar na minha janela... Não podendo acreditar na evidência — tactei com os dedos o parapeito... Como se do céu caíssem as lágrimas de D. Arminda — as gotas de água pingavam sobre a minha carne. Julguei que estava louco... A D. Arminda vivia sôzinha em casa... Nem creada tinha. Ter-se-ia enganado a minha patroa? Impossível! A porteira, a cozinheira, os outros hospedes haviam confirmado a notícia da sua morte! Fugiu desalvorado... Só no dia seguinte obtive a explicação daquelle misterio: é que a porteira, despeitando a memoria da generosa D. Arminda, tomara o compromisso de ir todas as noites... regar as flores que eram o unico amor da morta — depois da morte do noivo bem amado...

.....
— Como vê — concluiu o meu cicerone — o bairro da Estefânia poucas histórias possui — e essas são tristes, não devem agradar...

REPORTER X

corta por S. Domingos... Estranho ao principio este capricho, mas logo recordo, pelo que me informaram, que fica para aquelas bandas o bairro onde ele nasceu, onde sempre viveu, de onde partiu para o longo tormento da Penitenciaria. Uma atracção legitima, feita de nostalgia e de alvoroço, o encaminha para aqueles sitios tão recamados das doces recordações dos belos dias da meninice despreocupada e da juventude alegre e florida pelos primeiros amores... Percorre lentamente um labirinto de ruas estreitas, íngremes e enroscadas em espiral, parando aqui e acolá, nesta mostra, frente àquela sacada onde ha um vaso e uma gaiola, como na mansarda de Mimi...

Uma dessas montras retém no mais tempo do que de costume... E' duma sapataria modesta. Ele examina o seu proprio calçado, compara-o ao exposto na vitrine e do contraste nasce o desejo de o renovar. Entra, timidamente sempre... Aceita o pequeno par que lhe mostram — e indaga o preço... Noventa escudos!

O seu rosto contrai-se; crispa-se, num esgar de terror, como quem teme ter enlouquecido. — «Como diz?» — «Noventa escudos!» — «Mas... não ouvi bem!» — balbucia ele. E o caixeiro, interpretando-o mal, mostra-se tolerante: «Acha caro? Pois bem... Oitenta e cinco! E' o ultimo preço. E não encontra mais barato.» O ex-penitenciário não replica nem ousa olhar o empregado. Restitui-lhe os sapatos, 15 anos antes, custava dois escudos.

Desilusões

Durante alguns minutos ele permanece como que atontado. Não pode crer no que ouviu! Mas logo mais adiante para noutra mostra; e como esta tem os objectos expostos etiquetados com os preços, começa a compreender... Encolhe os ombros e accelera o passo...

A certa altura, ao dobrar uma esquina, o seu olhar ilumina-se, alegre, ao descobrir um grupo de homens que conversam à porta de uma leitaria. Deve reconhecer algum dèlles... Atravessa, rápido, e numa emoção bate no ombro dum rapazote, tipo de empregado comercial endomingado. — «Oh! José... Venha um abraço!» José volta-se, demora alguns segundos a reconhecê-lo, empalidece e, apertando-lhe frouxamente a mão, volta-lhe as costas...

Ele não insiste... Curva a cabeça e prossegue o seu caminho... Deve estar próximo do seu sitio — porque pouco depois deu-se novo encontro... Desta vez o ex-amigo olha-o de alto a baixo, encolhe os ombros e segue sem corresponder à sua alvoroçada saudação. A alegria da liberdade torna-se-lhe um pouco em tristeza...

Ei-lo finalmente no seu bairro... Era ali, naquele jardim, que elle traquinava em pequeno... Era aquella janela do rés-do-chão que elle gargarejava o seu primeiro namorado... O torax parece-lhe dilatar-se... As pupilas ganham brilho... Encaminha-se agora para a rua central do bairro; para a uma porta, prime uma campainha. A mudança da sua atitude é uma revelação... Sacode o pó das calças, pucha o casaco acerta a gravata. Nos lábios treme-lhe um sorriso sensual... Mas a porta não se abre. Toca de novo. Uma mulher escanzelada debruça-se à janela do primeiro andar e pergunta quem é...

— A Maria está? Diga-lhe que... Não completa a frase. — «Qual Maria?» — indaga a mulher. — «A Maria Rosa!» — «Já não vive cá vai para oito anos... Mudou-se quando se casou!»

Quando se casou! Pobre penitenciário! Quem vos espera quando vos ausentais durante tantos anos? Conta Henry Beraud no seu livro sobre a Guyana, *Le Bagne*, que no primeiro ano de degrêdo todos os degre-

dados recebem cartas da terra; no segundo muito poucas, havendo alguns que ainda as recebem no terceiro; depois do terceiro — nenhum!

Uma dôr muito amarga e íntima se espe-
lhou no rosto do ex-penitenciário... Man-
teve-se na rua, durante alguns momentos,
num vai-vem cheio de melancolia. A ca-
beça curvava-se-lhe; os olhos, indiferentes
ao que o cercava, fixavam-se no lagado,
como já saciados de liberdade, da liber-
dade que tantas desilusões lhe trouxera...
Por fim afasta-se a passos lentos. Dobra uma
esquina... corta à direita... Mas à medida
que avança, muda de atitude... A cabeça
vai-se erguendo; os olhos ganham, pouco a
pouco, claridade e interesse; os passos alargam-se. Dir-se-ia que esqueceu tudo, que já
não sofre... Outra esquina... outra rua...
Os seus movimentos são de alegria, de im-
paciencia, de certeza... Outra rua ainda...
E pára e bate a uma porta. Uma emoção,
feita de uma certeza inviolável, o ani-
ma... Não exhibe os receios nem a timidez
nem a hesitação de há pouco... E a porta
abre-se logo... E uma velha vem cair-lhe
nos braços beijando-o com furia, entre lagri-
mas...

Era ali que vivia a mãe...

REPORTER X.

Crise teatral

Pela perda do original, não podemos publicar neste número o artigo sobre a crise teatral que tínhamos anunciado no número anterior, da autoria do excelente actor e nosso prezado amigo Joaquim de Oliveira, falta involuntária que elle, por certo, nos perdoará, assim como os nossos leitores.

Esperamos da boa amizade e generosidade de Joaquim de Oliveira que escreva de novo o referido artigo, para que o público não fique privado da sua leitura, pois que o assunto é de actualidade e oferece o maior interesse.

Guéret, Llewellyn & Merett, L.^{da}

IMPORTADORES DE CARVÃO

SUCURSAL NO PORTO

Rua Mousinho da Silveira, 6, 2.º

TELEFONE 2683

Tem sempre em «stock» nos seus depósitos as seguintes qualidades aos melhores

preços do mercado: «Cardiff», Almirantado — «New Castle screened»,

«Coke» de Gaz — «Antracite»

tipo fava — «Chauffage» próprio para fogões de fôgo

circular



COMO os ingleses veem Portugal

Mr. Gibbons, jornalista inglês, esteve em Portugal. Entrou pelo Algarve e está publicando, desde há três meses, uma reportagem-fototelem em The Wide World Magazine, de Londres, em

que os nossos costumes, a nossa vida social, a nossa paisagem e a nossa gente desfilam, ora em caricatura, ora em flagrante verdade, ora em exageradas fantasias. Os nossos soldados estão vestidos pelos uniformes da Servia. Mas a perseguição que os mendigos fazem aos estrangeiros, lamuriando e exibindo chagas, o mau habito de berrar, o atraso dos hotéis, o abuso do pé descalço são criticados severamente — mas... com bastante verdade. Somos patriotas muito exigentes e duma sensibilidade provinciana. Uma vez uma senhora de Alcábaldeche perguntou-nos que diferença existia entre a sua terra e Paris — certa de que Paris, ao lado de Alcábaldeche, era uma vergonha... Contudo existem estrangeiros que exageram e mentem sobre Portugal, e por aí se vê o que será o Japão visto pelo Lott, a Turquia vista pelo Carrere, a Espanha vista por Merimés...

Entre os "rufias" de Lisboa

O criador de serpentes

(Continuação da página 4)

Ele foi um dos maiores heróis do crime, aqui há trinta anos atrás... Ao certo, porém, do seu passado nada sei! Agora do presente, sim, da sua existência actual, repleta de curiosidade, consegui saber factos admiráveis. É um destes «virtuosos» da mendicância que sabe dedilhar na perfeição todos os tons da choraminga para emocionar o transeunte, para lhe arrancar os cobres da almejada esmola... E o patife, fisionomista à força de observação, consegue conhecer a generosidade da criatura que passa, pelo semblante, variando de estilo de pedincha consoante o rosto que analisa rapidamente... É rico, asseguram-me, mas vive num inabitável pardiolo, infecto, emporcalhado, a sós com um gato e os farrapos e objectos de difícil descrição que constituem o seu espólio de miserável... O que faz ao dinheiro—ninguém o sabe ao certo! Tem temporadas em que desaparece por tempos indetermináveis. Para onde vai? Por onde anda nesse tempo? Mistério!



Em Sete Molinos: Casas de lata

Já por várias vezes têm visto sair do esconso em que vive uma senhora luxuosamente trajada, nova ainda, muito formosa, que se dirige para um automóvel particular que próximo a espera. Quem é ela, não conseguiram nunca bisbilhotar. E estas visitas estranhas são excelente pretexto para se mordiscar na vida indecifrável do misterioso «Velho Alcantara», criando-se em seu redor efabulações de lenda...

É, também, a acreditar no que me contam, proprietário duma das farraparias do local—tendo a trabalhar por sua conta dezenas de trapeiros e trapeiras que chafurdam todos os caixotes do lixo em procura de inutilidades, de resquícios da vida dos afortunados, que nas suas mãos se tornam em engenhosas industrias, em valiosos meios de esquisito comércio—o comércio das coisas que não prestam, que os ricos deitam fora e os pobres aproveitam...

Contam-me dele que em tempos idos manteve, creio que na Fonte Santa, uma escola de «carteiristas». Sim, uma escola de que ele foi director competente, durante muitos anos, e que «fez» carteiristas célebres como o «Esguio», como o «Mocho», a «Maria do Porto», a «Amélia Dente de Ouro» e outros, e muitos outros... Foi dessa completa organização do roubo que saíram também os «bate-sornas», que infestaram Lisboa aqui há uns oito anos atrás. O processo de que se servia para ensinar a «arte» era fácil: uns faziam de «vítimas», tomando variadas atitudes, as mais difíceis, e os outros exercitavam-se na escamoteação da carteira, da

corrente e relógio, sem que a pseudo-vítima desse por tal... E adquiriram uma tão grande subtilidade no «trabalho» que, por último, alguns havia que conseguiram roubar a carteira a um manequim, existente na escola para o efeito, de casaco abotoado até acima, e coberto de guisos, por causa do registo de leveza e ligeireza na difícil operação...

Mais tarde, parece que a polícia descobriu o misterioso reduto, apanhando em flagrante actividade o curioso colégio. Professor e discípulos foram presos e entregues ao Governo como vadios...

No entanto, o «Velho Alcantara», pródigo em imaginação e fecundo em processos, quando se viu, finalmente, livre das garras da Lei, soube arranjar este negócio de mendicância, auferindo lucros fabulosos—porque o cultivava com convincente paixão...

É uma psicologia rara a deste velho cínico e videirinho, que merecia um estudo aturado. E o seu crânio, quando ele morresse, devia ser analisado pelos sábios, os quais decerto lhe encontrarão anormalidades nas bossas e nos reconditos, que não são comuns a toda a humanidade...

O negociante de serpentes

Volto agora a última fôlha desta reportagem. O precioso álbum de sensações, de surpresas, de perigos, de transeos difíceis que colhi nestes quinze dias de «bas-fond» e de miséria está a esgotar-se... O derradeiro apontamento do meu humilde «cartnet» diz laconicamente:—Um criador de serpentes no Arco do Carvalhão... E no meu cérebro desbobinam-se, desenrolam-se, como um autêntico *film* da vida real, todos os detalhes que fixei, todos os pormenores que surpreendi no viveiro de terríveis ofídeos existente no Arco do Carvalhão...

Trata-se duma indústria estranha e ignorada, uma indústria extra-oficial, de lucrativos resultados...

O prédio, por fora, não tem nada de invulgar. É um edifício baixo, atarracado, com um só piso.

É seu proprietário um antigo estudante de medicina, R. N. V., que ali vive há seis anos com uma dedicada companheira, ex-crista dos teatros de Lisboa que trocou o palco, sacrificando-se, por uma existência recatada, entregue somente ao amor e ao trabalho, ao perigoso trabalho de que ambos vivem...

Filho de gente abastada, mas austera, de preconceitos e apogada a velhas convenções sociais, o R. V. cursava medicina, estando já no terceiro ano, quando, de súbito, uma questão íntima com a família o obrigou, orgulhosamente, a afastar-se, colocando-se à margem, esperando nos seus recursos próprios... Mas breve reconheceu que lhe era impossível continuar os estudos—por falta de meios. Não querendo, todavia, sujeitar-se à pesada vassalagem aos pais, lançou-se francamente num trilho de expedientes que, embora legais, não lhe dariam decerto bom termo... Até que, depois de muito cogitar na sua vida, resolveu, não sei porquê, negociar em peles raras, vindo, com o tempo, o seu negócio a alargar-se, a desenvolver-se. E uma sequência lógica de ideias atirou com ele para a criação de serpentes, aproveitando dos temíveis reptis tudo o que lhe dava ensejo de realizar dinheiro... E não se arrependeu, porque hoje, ao cabo de cinco anos, possui já um razoável pecúlio de algumas dezenas de contos de réis... O extravagante negócio é rendosíssimo!

No cobrill que construiu, no quintal da sua residência, existe, permanentemente, um grande número de ofídeos, rastejando pela terra, enrolando-se em espirais, de todas as espécies, desde a vulgar *craveiro* até à perigosíssima *tapete dourado*, do género *Elaps corallinus*, conhecida por *coral*, ao *Crotalus terrificus*, a terrível e traiçoeira *cascavel*... Alguns dos exemplares tornam-

-se notáveis pela beleza das suas cores, das manchas elegantes que lhes desenham os anéis, medindo de comprimento entre cinquenta centímetros e metro e meio. Quanto a peso variam muito, tendo as mais compridas que ali se vêem um máximo de quatro quilos.

O R. V., auxiliado pela companheira, procede de quinze em quinze dias à extracção de veneno dos nojentos reptis, sendo essa operação feita com extremos cuidados. Depois de filtrados, esses venenos, variáveis segundo as espécies, são secados em estufa apropriada e transformados, mais tarde, em pó, vendidos a vários laboratórios científicos do estrangeiro. Esta é a primeira aplicação útil das peçonhentas serpentes...

Se qualquer dos ofídeos adrega de morrer, o R. V., prático, arranca-lhe a pele, curte-a por meio de processos primitivos, e negocia em seguida, para fábricas de calçado de luxo...

Uma outra modalidade do seu negócio é a venda dos mais raros exemplares a diversos jardins zoológicos do estrangeiro, que lhe adquirem a mercadoria por elevados preços...

A fuga da cascavel

Todavia não pensem os leitores que a invulgar indústria de serpentes é coisa sem responsabilidade.

Ainda há tempos, no início do viveiro ali, fugiu do cobrill uma *cascavel* que não poucos sustos e terrores semeou no sítio. O repugnante reptil, aproveitando uma oportunidade excelente, conseguiu escapar-se para as terras próximas, metendo-se depois numa casa, residência de numerosa família—sem que alguém desse pelo insólido facto. Depois, madrugada alta, uma das crianças da casa, no auge do pavor, acordou sobressaltada, gritando aflitivamente pela mãe. E quando esta, alarmada, se ergueu do leito e correu à cama dos filhinhos, viu um espectáculo pavoroso. No tronco tenro da pobre criança enrolava-se, em espiral, apertadamente, a traiçoeira *cascavel*...

Houve sobressalto no local, acorrendo gente munida de machados e de foiceiros, que efectuaram uma tenaz perseguição ao reptil—a esse tempo já rastejando por outros sítios. Até que conseguiram matá-lo, quando ele descia dum telhado...

A criança atacada não sucedeu, por milagre, quaisquer danos.

O próprio criador já uma vez foi mordido também por um dos seus mais perigosos exemplares; no entanto, conhecedor do perigo, soube injectar-se a tempo com um soro de *serum* anti-venenoso, salvando-se duma morte certa...

Nota final

São 10 horas da manhã! Regresso, finalmente, a casa—depois duma ausência de quinze dias, vividos hora a hora, momento a momento, entre a pior espécie do género humano...

Tive detractores do meu trabalho—subordinados certamente a intuítos inconscientes... Mas tive igualmente criaturas de categoria social e leitores sinceros e inteligentes a incitarem-me na continuação da reportagem—e isso compenasa-me de sobejo do mal que aqueles pretendiam causar-me...

E não quero terminar sem uma última declaração:—a de que procurei focar factos verdadeiros, cuja autenticidade, superficialmente, pode ser posta em dúvida, mas que se encontram escondidos no *bas-fond* da vida, nos bastidores ocultos da existência. Que os homens que me alcunham de fantasista os vivam primeiro, para me dizerem depois se são fantasia os subsídios que nestas colunas registei...

AMÉRICO FARIA.

O fabricante de óleo humano

(Continuação da pag. 6)

cesse essa policia exigi-lhe o cartão comprovativo. Não o trouxera. Fui com ele até ao Largo da Estrela. Como êle tremesse, julguei estar na presença dum demente e, confiado, guardei a arma. Ele soergueu-se e ficou-me. Não pude desviar o seu olhar de aço, que se apoderára de mim; e, mais uma vez, fui vencido pela esquisita telepatia. Ao acordar do torpor, o tipo, como era de esperar, tinha desaparecido.

«No dia seguinte resolvi pôr-me em campo e avisar a Polícia Internacional. Não tinha provas testemunhais mas precisava de as obter e de as coordenar. Corri aos hotéis perguntando se por acaso estaria hospedado um estrangeiro com os sinais que eu lhes fornecia. No «Portugal» havia ali estado um alemão com os mesmos sinais; no «L'Europe» o mesmo — mas era francês; no «Duas Nações» — espanhol; no «Francfort» — holandês; no «Metropole» — italiano. Em todos, porém, não estivera mais de uma semana; desaparecera, apagara-se qual fogo-fátuo — no registo activo dos hotéis. Apesar destas múltiplas nacionalidades, não alimentei duvidas de que se tratava da mesma pessoa — criminosamente disfarçada. No Hotel de Inglaterra fui mais feliz e rejubilei; ainda lá estava e entrara na véspera. Aí era mexicano, conforme te disse. O informador, solícito, deu-me os dados necessários. Avisei a policia e quando esta o foi procurar, o malandrim, precavido, desaparecera da circulação, ignorando-se porque misterioso alçapão fora engulido.»

O nosso amigo calou-se. Tirou da carteira alguns recortes de jornais de todo o mundo e foi colocando-os por ordem sobre o mármore. Mergulhámos a vista sobre aqueles pequenos rectangulos de papel e lêmos em todos eles uma tragédia bem real e sangrenta: como um ciclone devastador, o «vampiro» correa de continente para continente, destruindo honras, arrazando lares, espalhando luto, desgraça e dôr. Depois de Lisboa escolheu Madrid. Lá estava o «Heraldo» erguendo a sua voz potente. Nesta cidade, o desaparecimento de menores no ano da sua fugaz passagem foi colossal. Em seguida, após haver percorrido várias cidades espanholas, escolheu a Cidade-Luz para as suas proezas. Em Paris — apesar do seu enorme ambiente — desenhou-se o pânico, mas por pouco tempo. «L'ami du Peuple» armara um escândalo.

Como um *film* cinematografico desbobinado à nossa vista — todos aqueles quadros impressos representavam pedaços, ainda palpantes, de almas dilaceradas pela tragédia desenrolada por essa Europa fora: Bruxélas, Liege, Amsterdã, Berlim, Hannover, Hamburgo, Copenhague, Roma, a protestarem pela pena da sua imprensa. «Berliner Zeitung» reclamara providências.

B. R. guardou os recortes, despediu-se e saiu à pressa.

Batia a meia-noite. A orquestra morria, exausta, para ressuscitar à hora do baile. Lentamente tomámos o caminho da rua. Sentíamos a necessidade de tomar ar. Tudo que ouvimos baralhava-se no nosso cérebro. Cá fora respirámos fundo.

Uma perseguição movimentada

Pelas duas horas já a sala do Nacional se achava repleta. Dançava-se animadamente. A orquestra, dum ruído alacre de timbales e bombo, comunicava a toda a sala uma instintiva alegria. O estranho individuo, alheio aos folguedos desenhados à sua volta, sentou-se à mesa marcada num ar aborrecido. Na mesa contigua ainda não estava ninguém. Tivemos a impressão de que o «vampiro»

esperava alguém, pois puxava frequentemente do relógio demonstrando impaciência. Não tardou, porém, a que entrasse a familia da mesa 16, constituída por uma formosíssima senhora dos seus vinte e cinco anos e uma pequenita — ambas muito bem mascaradas. Vimos os olhos do seu vizinho rejubilarem: côncavos e brilhantes, circundados por olheiras muito densas e fundas, tomaram um aspecto hediondo e não se desviavam da mesa dos recém-chegados; e ao observarem a pequenita, os labios ainda mais tremiam. Não alimentamos duvidas sobre a monstruosidade que se preparava; e quisemos evitá-la, custasse o que custasse, doesse a quem doesse.

Toda a gente brincava, todos desfiavam o seu riso carnavalesco — avaramente guardado um ano inteiro; todos bailavam, brincavam, divertiam-se — só o «vampiro», alheado de tudo, fitava amiudadas vezes a pequenita da mesa 16; todos se eclipsaram na vertigem da dança excepto a criança, que se divertia ingenuamente a atrair papelinhos. Não quisemos perder de vista a misteriosa personagem; ao mesmo tempo precisavamos de advertir a familia. Vagavámos a vista pela sala, que foi dar de chapa com a senhora mascarada — possi-



O vampiro

velmente irmã —, que rodopiava alheia à tragédia que já adivinhavamos.

Corremos ao seu encontro, atirando-lhe: — Precisamos de falar!

Ela deu uma rápida volta e, possivelmente julgando tratar-se dum madrigal, respondeu:

— Impossível, meu caro senhor!

Pretendemos duchá-la com o imprevisto:

— Corre perigo de morte a sua irmãzita!...

Ela imediatamente largou o seu par e, como desvairada, dirigiu-se-nos ansiosa, indagando:

— Onde?

Indicámos-lhe a mesa 15. Mas uma terrível exclamação de espanto saiu-nos do peito oprimido pela desgraça que antevíamos. O «homem» que temia, o «homem vampiro», o «homem» que raptava crianças — desaparecera; e o que se nos afigurava de mais trágico foi ter levado a peliza. Corremos como um louco para a porta de saída; desceramos a Rua Primeiro de Dezembro e desembocámos no Rossio. Uma força estranha levou-nos pela Rua do Ouro abaixo. De subito estacámos: acabavamos de visionar o «vampiro» com a criança pela mão e amando-lhe as faces. Escarlatou-se-nos o rosto de raiva; apetecia-nos socá-lo, mas preferi-

mos seguí-lo de perto. E a petiza? Era necessário entregá-la aos pais.

Chamámos uma policia de giro e explicámos-lhe tudo; e o «cívico», com grande diplomacia, exigiu a criança. Passou-nos pela mente ordenar a sua captura; preferimos, porém, vigiá-lo de perto. Sem despertar suspeitas, seguimos o homem: contornou a Rua do Arsenal esgueirando-se como uma enguaia pela Travessa do Cotovelo. Como seria perigoso uma perseguição naquela artéria, dominada por um muro desabrigado, preferimos esperá-lo no Largo do Corpo Santo. Calculavamos que ele aí desembocaria e não saíu errado o nosso calculo: dois minutos decorridos e surgia o malandrim acompanhado por mais dois.

Vinhã a discutir; não compreendemos o que eles diziam, mas a altercação era grande. Um deles levava um pequeno caixote aos ombros. Como se dirigiam, com grande rapidez, para os lados do Cais do Sodré, adivinhámos os intuitos: Pretendiam embarcar o caixote, atirá-lo ao rio ou então fugirem. Dum salto, corremos a avisar outro guarda, que os enfrentou:

— Que levam aí? — perguntámos.

O «vampiro» fez uma careta e, carregando muito no r. r. respondeu:

— Nada, senhor!

— E porque se dirigiam ao rio?

— Gozarr a noite!...

Neste instante um imprevisto acontecimento veio pôr termo ao interrogatório: o cumplice que levava o caixote deixou-o cair com grande estrondo de cacos. Acendemos uma lanterna portátil e abaixámos-nos: era óleo, um óleo pegajoso, amarelo ocre — que escorria daqueles pedaços de vidro etiquetados. Apanhámos um rótulo; estava dactilografado em francês: — (Huile).

Aquela gemada esquisita serpenteava, movia-se, num fio amolgado em direcção à sargenta.

Quando nos levantámos do exame — o guarda estava hipnotizado. Os olhos do «vampiro» procuravam ansiosamente os nossos; que se desviavam a custo. Resolvemos fugir para desaparecer aquela atracção que já se estava apoderando de nós. Naquella noite não dormimos; uma obsessão horrível martelava-nos as fontes: Seria aquilo, realmente, óleo humano? Mal amanhecera, corremos ao local na mira de colhermos uma amostra e mandá-la analisar. Chegamos lá, estarrecidos, surpreendidos; uma agulheta misteriosa limpava, desencardira a rua, propositadamente, destruindo assim todas as provas comprometedoras.

Nunca mais soubemos nada do «vampiro».

MANUEL DE MATOS.

Reporter X

Por motivos imprevistos, publica-se esta semana o **Reporter X** com algumas deficiências de ordem técnica e com um pequeno atraso, do que pedimos desculpa aos nossos complacentes leitores.

O maior sucesso
literário de 1931

NOVELA POLICIAL

Leitura emocionante!

ASSUNTOS PALPITANTES

DIRECTOR: REINALDO FERREIRA (REPORTER X)

QUINTA-FEIRA, 4 DE JUNHO

NOVELA POLICIAL N.º 18

Estranhas Aventuras do Dr. Z

16 páginas—Uma novela completa, original, inédita
Capa a cores—preço **Um Escudo**

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinatura para a Administração do **Reporter X** e da «**Novela Policial**»—Rossio, 3, 3.º—Lisboa
Telef. 2 5442—End. telegráfico **Reporterx**